



XIII  
Congreso  
Internacional  
Lingüística  
Xeral

13-15 de xuño de 2018

# ACTAS

Editadas por

Marta Díaz, Gael Vaamonde, Ana Varela,  
M<sup>a</sup> Carmen Cabeza, José M. García-Miguel e  
Fernando Ramallo



Universidade de Vigo

# ACTAS DO XIII CONGRESO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA XERAL

Vigo, 13-15 de xuño de 2018

Editadas por

Marta Díaz

Gael Vaamonde

Ana Varela

M<sup>a</sup> Carmen Cabeza

José M. García-Miguel

Fernando Ramallo

GRADEΣ | GRAMÁTICA  
DISCURSO E  
SOCIEDADE

Universidade de Vigo

# Varição linguística e pluricentrismo: novos conceitos e descrições<sup>1</sup>

Augusto Soares da Silva  
Universidade Católica Portuguesa – Braga  
assilva@braga.ucp.pt

## Resumo

---

Apesar da longa e rica tradição de investigação sobre variação linguística, os estudos sobre línguas pluricêntricas, desde o volume seminal editado por Clyne (1992), são ainda reduzidos. O pluricentrismo linguístico é um caso especial de variação intralinguística, marcado por questões de identidade e poder nacionais. Neste estudo, procuraremos identificar alguns dos principais tópicos da agenda de investigação sobre as línguas pluricêntricas, articulando a tradição da sociolinguística variacionista e a perspetiva da sociolinguística cognitiva. São apreciados modelos que dão conta da correlação entre os fatores conceptuais e os fatores sociais que determinam a *variação do significado* em contextos pluricêntricos e o *significado da variação* na mente dos falantes (Kristiansen & Dirven 2008; Geeraerts *et al.* 2010; Soares da Silva 2014, 2016). Especial atenção é dada também aos métodos socioletométricos baseados em perfis onomasiológicos de conceitos lexicais e funções gramaticais para medição da relativa similaridade/distância entre os diferentes centros das línguas pluricêntricas. Como aplicação e ilustração destes novos conceitos e métodos de abordagem sociocognitiva e socioletométrica do pluricentrismo linguístico, apresentaremos os resultados do nosso estudo sobre convergência e divergência entre o português europeu e o português brasileiro nos domínios lexical, construcional e atitudinal.

**Palavras-chave:** língua pluricêntrica, sociolinguística cognitiva, socioletometria

## 1. Línguas pluricêntricas: agenda de investigação

Português, inglês, alemão, neerlandês, espanhol, árabe, suaili, mandarim, etc. são *línguas pluricêntricas*, no sentido, institucionalizado por Clyne (1992: 1), de que apresentam diferentes variedades nacionais, cada qual com a sua norma própria. O pluricentrismo linguístico é geralmente assimétrico, pelas inevitáveis diferenças de estatuto e poder económico, político ou cultural entre as variedades nacionais, umas dominantes e outras não dominantes. O pluricentrismo é um caso especial de variação intralinguística, marcado por questões de identidade e poder nacionais.

Pluricentrismo e monocentrismo linguísticos são categorias não discretas. Há efetivamente línguas mais pluricêntricas do que outras, como o inglês e o português em comparação com o espanhol e o francês. Além disso, os limites entre os diferentes centros de uma língua pluricêntrica e entre os centros e as periferias são difusos e modificáveis. Consequentemente, uma língua pluricêntrica apresenta uma rede de variedades contíguas com diversos centros mais prototípicos ou menos. Por outro lado, qualquer língua é, até certo ponto, pluricêntrica, na medida em que contém inevitavelmente variação interna e diferentes normas locais.

A investigação sobre línguas pluricêntricas envolve um conjunto de questões descritivas, metodológicas, representacionais e aplicacionais. Entre as questões descritivas, importa investigar em que medida as diferenças linguísticas nacionais refletem diferenças culturais e se correlacionam com diferenças conceptuais. Interessa também investigar quais os indicadores de pluricentrismo linguístico, até que ponto variáveis lexicais, construcionais e fonológicas de variação pluricêntrica se correlacionam e que impacto pode ter o pluricentrismo na mudança linguística. Metodologicamente, é necessário encontrar os métodos adequados para descrever

---

<sup>1</sup> Este estudo foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, como parte do Projeto de IC&DT PTDC/MHC-LIN/6915/2014 “Convergência e Divergência entre o Português Europeu e o Português Brasileiro”.

a multidimensionalidade da variação nacional, particularmente a correlação entre as dimensões socioculturais e as dimensões cognitivas do pluricentrismo, e ainda saber como medir convergência e divergência diacrónica entre variedades nacionais e estratificação interna sincrónica de variedades nacionais. As questões representacionais consistem em saber como é que os falantes percebem as variedades nacionais e que modelos cognitivos e culturais utilizam para as categorizar e avaliar, que papel desempenha a ideologia nas representações cognitivas das variedades nacionais e até que ponto as distâncias linguísticas objetivas e as atitudes linguísticas subjetivas influenciam a inteligibilidade de variedades nacionais. Finalmente, as questões aplicacionais envolvem saber como se interligam identidade nacional, relações de poder e variedades nacionais, quão simétrico pode ser o pluricentrismo num mundo desigualmente distribuído, quais os efeitos dos processos atuais de globalização nas relações entre variedades nacionais e que políticas de língua são necessárias para reconhecer e promover o pluricentrismo linguístico e a cooperação entre os centros linguísticos nacionais.

Apesar da longa e rica tradição sociolinguística de estudo da variação linguística, os estudos sobre línguas pluricêntricas são ainda reduzidos. Há mais de duas décadas, Clyne (1992) editava o volume coletivo *Pluricentric Languages*, reunindo dados comparativos sobre um conjunto representativo e diversificado de 17 línguas pluricêntricas espalhadas pelo mundo. Com esta obra seminal passou-se de um modelo “desvio do centro”, que via as restantes variedades nacionais como desvios da norma linguística pertencente à nação historicamente mais antiga ou política e economicamente mais poderosa, ou as colocava ao mesmo nível das variedades dialetais locais, para um modelo “vários centros interatuantes” ou *pluricêntrico*, interpretando a relação entre as variedades nacionais como um processo dinâmico e interativo. Nos últimos cinco anos, o *Working Group on Non-dominant Varieties of Pluricentric Languages* tem desenvolvido investigação sobre línguas pluricêntricas em geral e as suas variedades não dominantes em particular (Muhr 2012, 2015). Na última década, uma nova e estimulante oportunidade tem sido oferecida pela Sociolinguística Cognitiva (Geeraerts 2005; Kristiansen & Dirven 2008; Geeraerts, Kristiansen & Peirsman 2010, Soares da Silva 2014), uma extensão emergente da Linguística Cognitiva (Geeraerts & Cuyckens 2007, Dancygier 2017) como modelo centrado no uso da língua e orientado para o significado.

## **2. Pluricentrismo linguístico: perspetiva sociocognitiva**

Dentro do paradigma da Linguística Cognitiva, têm surgido vários estudos na última década sobre a variação intralinguística, entendida como consequência imediata e inevitável do uso da língua, contribuindo para integrar na perspetiva cognitiva da linguagem os aspetos sociais das línguas. A nova linha de investigação, conhecida como Sociolinguística Cognitiva, explora a interação entre os aspetos conceptuais e os aspetos sociais da variação intralinguística e desenvolve métodos multivariacionais capazes de dar conta das diversas dimensões que intervêm na interação entre significado conceptual e fatores variacionistas (Geeraerts 2005; Kristiansen & Dirven 2008; Soares da Silva 2009; Geeraerts, Kristiansen & Peirsman 2010). Sendo a variação pluricêntrica um caso especial de variação intralinguística, a Sociolinguística Cognitiva está bem preparada para o estudo das línguas pluricêntricas, como pode ser evidenciado pelos estudos reunidos em Soares da Silva (2014).

Do ponto de vista da Sociolinguística Cognitiva, o interesse e a novidade na investigação sobre o pluricentrismo dizem respeito a três questões fundamentais. A primeira é a relação entre variação linguística nacional, cultura e cognição. Tendo em consideração a vocação *orientada para o significado* da Linguística Cognitiva, o tópico central de investigação é a *variação do significado* em línguas pluricêntricas e a questão fundamental é saber como é que a variação linguística nacional afeta o significado. Embora o significado seja crucial em sociolinguística, já que a própria noção de variável sociolinguística pressupõe, como explica Labov (1972: 271),

a opção de dizer “a mesma coisa” de diferentes modos, cada um dos quais com o seu significado social, a investigação sociovariacionista tem tido dificuldades no tratamento de questões semânticas, nomeadamente saber como é que o significado interage com outras fontes de variação linguística e como estabelecer equivalência semântica entre itens lexicais ou construções gramaticais (Lavandera 1978), pré-requisito para o estudo sociovariacionista do léxico e da gramática. A Sociolinguística Cognitiva pode, pois, oferecer um importante contributo para estes problemas de variação do significado.

A segunda questão tem a ver com o desenvolvimento de métodos empíricos avançados que possam dar conta da multidimensionalidade da variação do significado em línguas pluricêntricas. Tendo em conta a natureza *centrada no uso da linguagem* da Linguística Cognitiva, a questão fundamental de investigação é saber como é que se correlacionam as dimensões conceptual e social da variação nacional e que métodos são necessários para descrever a interação entre significado conceptual e fatores variacionistas.

Finalmente, a terceira questão incide no *significado da variação* ou representação cognitiva da variação linguística nacional. Tendo em consideração a própria natureza *cognitiva* da Linguística Cognitiva, a questão fundamental de investigação é saber como os falantes percebem, categorizam e avaliam a variação linguística nacional.

Adaptando os desideratos da Sociolinguística Cognitiva tal como são definidos por Geeraerts, Kristiansen & Peirsman (2010: 6-10), a investigação sociocognitiva das línguas pluricêntricas envolve quer a *variação do significado*, particularmente a correlação entre fatores conceptuais e fatores sociais, quer o *significado da variação*, isto é, a realidade cognitiva da variação linguística nacional na mente dos falantes.

O recente volume *Pluricentricity: Language Variation and Sociocognitive Dimensions* (Soares da Silva 2014) explora três domínios de investigação sobre o pluricentrismo linguístico: (i) a própria noção de *pluricentrismo*, em relação a modelos cognitivos da variedade padrão e à construção ideológica das variedades nacionais (e.g. Auer 2014, Lüdi 2014); (ii) a aplicação de métodos de *corpus* avançados e técnicas multivariacionais tomando a variação do significado como ponto de partida (e.g. Ruetter, Speelman & Geeraerts 2014; Soares da Silva 2014a); e (iii) estudos experimentais sobre o significado da variação em línguas pluricêntricas, incluindo atitudes e percepções (e.g. Schneider 2014).

A Sociolinguística Cognitiva traz vantagens e possibilidades teóricas, metodológicas e descritivas para a investigação das línguas pluricêntricas (Kristiansen 2014, Soares da Silva 2016). Teoricamente, conceitos chave da Linguística Cognitiva permitem melhorar as definições e taxonomias do pluricentrismo e compreender as variedades nacionais como entidades *sociocognitivas*. A teoria do protótipo (Geeraerts 1985, 1997) ajuda a compreender as variedades como categorias *prototípicas*, no sentido de que algumas são percebidas como mais representativas do que outras, o limite entre variedades adjacentes é vago e todas as línguas são *pluricêntricas* até certo ponto. A noção de *rotinização* (Schmid 2007) é útil para compreender o papel do significado conceptual, social e pragmático na promoção do sucesso de variedades dominantes e na competição entre variedades nacionais. A noção de *perspetivização* conceptual ou capacidade de conceptualizar determinada situação de diferentes modos (Langacker 2008) permite entender que as variedades nacionais constroem identidades nacionais e diferenças cognitivas e culturais. A teoria da metáfora conceptual (Lakoff & Johnson 1980) permite identificar os modelos cognitivos e culturais das variedades nacionais e, até certo ponto, determinar a influência desses modelos na variação pluricêntrica.

Metodologicamente, a Sociolinguística Cognitiva desenvolve técnicas de análise de *corpus* e experimentais que permitem dar conta da complexidade dos dados pluricêntricos. É o caso da socioletometria baseada em perfis onomasiológicos de conceitos lexicais e construcionais, que apresentaremos a seguir. Descritivamente, a Sociolinguística Cognitiva oferece uma rica coleção de estudos quer sobre a variação do significado quer sobre o significado da variação de línguas pluricêntricas. Os primeiros incluem tanto a variação lexical (Geeraerts *et al.* 1999; Soares da Silva 2010, 2014a; Ruetter 2012) como a variação gramatical (Colleman 2010, Szmrecsanyi 2010, Levshina 2011). Os segundos desenvolvem modelos orientados pela teoria do protótipo sobre a estrutura de variedades nacionais e as atitudes dos falantes (Kristiansen 2003) e investigam os modelos cognitivos e culturais que os falantes utilizam na percepção e avaliação de variedades nacionais e em questões de standardização de línguas pluricêntricas (Geeraerts 2003, Berthele 2010, Auer 2014, Soares da Silva 2015).

### 3. Pluricentrismo linguístico: abordagem (socio)letométrica

Para a descrição adequada da variação linguística pluricêntrica, como de qualquer variação intralinguística, são necessários métodos empíricos e quantitativos avançados, sejam métodos de observação de corpus, sejam métodos experimentais, seja a combinação de ambos. São igualmente necessárias técnicas letométricas que permitam calcular distâncias linguísticas entre variedades nacionais, especialmente medir convergência e divergência diacrônica entre variedades nacionais e estratificação interna sincrônica de variedades nacionais.

A letometria compreende métodos dialetométricos, estilométricos e socioletométricos. A dialetometria tem desenvolvido técnicas avançadas para o cálculo de distâncias linguísticas entre dialetos, mais frequentemente para o cálculo de distâncias fonéticas e fonológicas, mas já com algumas aplicações a distâncias lexicais e sintáticas. Uma outra tradição letométrica, a estilometria, mede diferenças estilísticas entre registros linguísticos. Mais recentemente, a socioletometria compreende métodos que permitem medir distâncias entre variedades letais e correlacioná-las, não só com distâncias no espaço, mas com todos os tipos de variáveis sociolinguísticas. A socioletometria explora, assim, a natureza multifatorial da variação intralinguística, podendo pois combinar as abordagens dialetométrica e estilométrica.

A socioletometria trabalha com a *variação onomasiológica* entre termos e construções semanticamente equivalentes, isto é, sinónimos denotacionais (Speelman, Grondelaers & Geeraerts 2003; Soares da Silva 2010). Por exemplo, a opção entre *guarda-redes* e *goleiro* é uma escolha de formas que exprimem o mesmo conceito mas pertencem a diferentes variedades nacionais; e a opção entre *morrer* e *falecer* é uma escolha de formas que exprimem o mesmo conceito mas são estilisticamente diferenciadas. Podemos designar esta variação entre sinónimos denotacionais como *variação onomasiológica formal*, em oposição à *variação onomasiológica conceptual*, como a que se dá, por exemplo, entre *avançado* e *jogador* (sendo o primeiro termo hipónimo do segundo), a qual envolve diferenças conceptuais.

O conjunto das expressões sinónimas alternativas – tanto termos como construções – usadas para designar determinado conceito (lexical) ou função (gramatical), juntamente com as suas frequências relativas, constitui o *perfil onomasiológico* desse conceito ou função. Por exemplo, os termos *atacante*, *avançado*, *avante*, *dianteiro*, *forward* e *ponta de lança*, juntamente com as suas frequências relativas, são o perfil onomasiológico de AVANÇADO. E as construções *deixar entra a bola*, *deixar a bola entrar* e *deixar que a bola entre*, embora com algumas diferenças conceptuais, integram o perfil onomasiológico da construção causativa perifrástica.

O *método onomasiológico* tem grandes vantagens no estudo da variação intralinguística em geral e da variação pluricêntrica em particular, por várias razões. Primeiro, os sinónimos

denotacionais exibem diferenças sociolinguísticas e são estas diferenças que definem a própria existência e a competição de variedades de uma língua. Segundo, o método dos perfis onomasiológicos permite um mecanismo de controlo capaz de evitar os perigos estatísticos resultantes de uma distribuição assimétrica de conceitos ou funções. Finalmente, trabalhar com as frequências relativas das variáveis garante uma perspectiva *pragmática* da variação intralinguística, mais representativa da realidade sociolinguística do que a perspectiva *estrutural*, apoiada nas frequências absolutas. Ao mesmo tempo, em vez de se olhar para a distribuição de variáveis individuais, passamos a poder considerar um nível agregado de variáveis.

Para medir distâncias entre variedades linguísticas são utilizadas três técnicas socioletométricas baseadas em perfis onomasiológicos: medidas de uniformidade, medidas do impacto de traços linguísticos e medidas de intenções atitudinais (Geeraerts, Grondelaers & Speelman 1999: 36-64; Soares da Silva 2010: 156-160). A *uniformidade* é a medida da (dis)similaridade entre os perfis onomasiológicos nas diferentes variedades linguísticas e é calculada somando as frequências relativas mais pequenas de cada palavra ou construção alternativa. Diacronicamente, convergência e divergência entre duas variedades traduzem-se em aumento ou diminuição da uniformidade ao longo do tempo, respetivamente. Sincronicamente, maior distância estratificacional entre estrato padrão e outros estratos traduz-se por menor grau de uniformidade entre esses estratos linguísticos. A medida de uniformidade interna calcula a uniformidade dentro de uma variedade linguística: essa uniformidade diminui à medida que mais termos/construções competirem entre si para designar o mesmo conceito/função e/ou à medida que mais termos/construções dominantes existirem dentro de um perfil onomasiológico. As medidas de traços calculam a proporção de termos/construções com determinada característica no perfil onomasiológico de um conceito/função. As medidas de atitudes calculam as intenções comportamentais dos falantes em relação a uma palavra ou construção como expressão de determinado conceito ou função.

Para a análise das correlações entre variáveis, são utilizadas técnicas multivariacionais de regressão logística e técnicas de visualização, como as análises de *clusters* e as escalas multidimensionais. Os modelos computacionais “Semantic Vector Space” (SVS) (Turney & Pantel 2010, Ruetten 2012) permitem quantificar automaticamente a similaridade semântica entre pares de palavras com base nos seus padrões distribucionais, proporcionando assim a seleção automática de sinónimos.

#### **4. Para o estudo sociocognitivo e socioletométrico do português como língua pluricêntrica**

Desenvolvemos investigação sociocognitiva e socioletométrica sobre o biculturalismo do português europeu (PE) e do português brasileiro (PB), comprovando a tendência evolutiva divergente entre as duas variedades nacionais nos últimos 70 anos (Soares da Silva 2010, 2014a, b, 2015, 2016). A investigação tem-se centrado, inicialmente, na variação lexical e na variação atitudinal e, mais recentemente, na variação construcional.

Os dados empíricos da investigação lexical foram coligidos a partir dos campos lexicais do futebol e do vestuário e incluem largos milhares de observações do uso de termos alternativos para nomear 43 conceitos nominais de futebol e de vestuário nos inícios das décadas de 1950, 1970 e 1990-2000. Os materiais do *corpus* foram extraídos de jornais de desporto e revistas de moda, linguagem da internet de *chats* associados a clubes de futebol e etiquetas de roupas de lojas de vestuário. O *subcorpus* de futebol contém 2,7 milhões de palavras oriundas de 8 jornais desportivos e 15 milhões de palavras coligidas de *chats* da internet. A respetiva base de dados é constituída por 90.202 observações do uso de 183 termos nos jornais de desporto portugueses e brasileiros, correspondentes a 21 perfis onomasiológicos, e 143.946 observações do uso dos mesmos termos e perfis nos *chats*. O *subcorpus* de vestuário contém 1,2 milhões de palavras de 28 revistas de moda e 1.300 imagens de etiquetas de lojas de vestuário. A respetiva base de

dados é constituída por 12.451 observações do uso de 264 termos nas revistas de moda, correspondentes a 22 perfis onomasiológicos, e 3.240 observações do uso dos mesmos termos nas etiquetas de lojas de vestuário. A análise socioletométrica destes dados lexicais permitiu concluir que a hipótese da divergência entre PE e PB se confirma no campo lexical do vestuário, mas não no do futebol. Os termos de vestuário são mais representativos do vocabulário comum e, por isso, os resultados do vestuário estarão mais próximos da realidade sociolinguística. A ligeira convergência no campo do futebol será um efeito da globalização e da standardização do vocabulário do futebol. Outros resultados do mesmo estudo lexicológico mostram não haver nenhuma orientação de uma variedade em relação à outra, o que sugere um pluricentrismo *simétrico* entre PE e PB, haver mais mudanças no PB do que no PE, maior influência estrangeira no PB do que no PE e maior distância entre estratos padrão e subpadrão no PB do que no PE.

Um estudo mais recente centra-se no domínio das variáveis construcionais. Foram já analisados três tipos de variáveis sintáticas: construções preposicionais alternativas, como *falar de vs. sobre vs. acerca de vs. em, interesse em vs. por vs. em torno de*; construções de complemento finito vs. infinitivo de verbos causativos e perceptivos; e variação na ordem de palavras nas construções nome-adjetivo de adjetivos como *verdadeiro, falso, bonito, lindo, recente*. Os resultados mostram que as percentagens de uniformidade vão diminuindo ao longo do tempo, confirmando assim a hipótese da divergência entre PE e PB. Outras variáveis construcionais que estão em estudo incluem as construções de *se* (impessoal, passiva, média, anticausativa, reflexiva/recíproca e de clítico nulo) e as construções relativas. Em relação às construções de “se”, os dados mostram que o PB reforçou e restringiu ao longo do tempo o espaço semântico do clítico *se* a duas funções: marcador de impessoalização e de reflexividade. Um outro resultado é o desenvolvimento da construção com clítico nulo, mais saliente no PB, como “No meio usa um verde cor cana”, que exprime uma *construção absoluta*, isto é, uma situação conceptualizada autonomamente, sem referência a um agente ou causa.

Para o estudo de variáveis atitudinais, efetuámos um inquérito com 15 perfis onomasiológicos de termos de vestuário junto de 120 estudantes portugueses e brasileiros. O inquérito contém três perguntas. A primeira procura saber qual a intenção atitudinal relativamente à palavra X como nome do conceito Z. Especificamente, perguntámos qual das alternativas onomasiológicas dadas para determinado conceito é que os inquiridos utilizam habitualmente, por vezes ou nunca quando se exprimem num português padrão. As duas outras perguntas dizem respeito ao conhecimento comum dos inquiridos sobre o uso típico e a origem das palavras selecionadas. Perguntámos se a palavra em questão é usada tipicamente em Portugal, no Brasil ou em ambos os países e se é de origem inglesa, francesa ou portuguesa. Como resultados obtidos, a proporção de termos endógenos (isto é, termos do PE nas intenções dos inquiridos portugueses e termos do PB nas intenções dos inquiridos brasileiros) e termos binacionais é muito maior, em ambos os inquéritos, do que a proporção de termos exógenos (isto é, termos do PB nas intenções dos inquiridos portugueses e termos do PE nas intenções dos inquiridos brasileiros) e termos binacionais. Verifica-se, pois, uma atitude divergente tanto da parte dos inquiridos portugueses como da parte dos inquiridos brasileiros, o que indica que os dados *subjativos* das intenções atitudinais vão no mesmo sentido divergente daquele que observámos nos indicadores *objetivos* lexicais e construcionais extraídos do *corpus*.

## 5. Conclusão

A perspetiva da Sociolinguística Cognitiva de exploração das correlações entre fatores conceptuais e fatores sociais da variação linguística, o método onomasiológico de estudo da variação intralinguística, incidindo em expressões alternativas lexicais e construcionais de conceitos e funções, e os métodos socioletométricos baseados em perfis onomasiológicos de

medição de processos convergentes e divergentes e outras distâncias entre variedades intralinguísticas constituem importantes contributos para o estudo das línguas pluricêntricas.

A hipótese da *divergência* entre PE e PB ao longo dos últimos 70 anos é sociocognitiva e sociolectometricamente confirmada através de perfis onomasiológicos de termos e construções alternativos extraídos de um vasto *corpus* de textos de jornais desportivos e revistas de moda dos anos 50, 70 e 90-2000. As variáveis lexicais e construcionais analisadas correlacionam-se como indicadores de divergência entre as duas variedades nacionais. Adicionalmente, os indicadores subjetivos atitudinais obtidos através de um inquérito apontam para a mesma tendência divergente entre as duas variedades. Esperamos dar continuidade e maior consolidação a este projeto de investigação do pluricentrismo do português, analisando outras variáveis gramaticais e estendendo-o ao português moçambicano e ao português angolano.

### Referências bibliográficas

- Auer, P. (2014). “Enregistering pluricentric German”. In A. Soares da Silva (ed.) *Pluricentricity: Language variation and sociocognitive dimensions*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 19-48.
- Berthele, R. (2010). “Investigations into the folk’s mental models of linguistic varieties”. In D. Geeraerts, G. Kristiansen e Y. Peirsman (eds.) *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 265-290.
- Clyne, M., ed. (1992). *Pluricentric Languages. Differing norms in different nations*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Colleman, T. (2010). “Lectal variation in constructional semantics: “Benefactive” ditransitives in Dutch”. In D. Geeraerts, G. Kristiansen e Y. Peirsman (eds.) *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 191-221.
- Dancygier, B., ed. (2017). *The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Geeraerts, D. (1997). *Diachronic Prototype Semantics. A Contribution to Historical Lexicology*. Oxford: Clarendon Press.
- Geeraerts, D. (2003). “Cultural models of linguistic standardization”. In R. Dirven, R. Frank e M. Pütz (eds.) *Cognitive Models in Language and Thought*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 25-68.
- Geeraerts, D. (2005). “Lectal variation and empirical data in Cognitive Linguistics”. In F. J. Ruiz de Mendoza e S. Peña Cervel (eds.), *Cognitive Linguistics. Internal dynamics and interdisciplinary interaction*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 163-189.
- Geeraerts, D., S. Grondelaers e D. Speelman (1999). *Convergentie en divergentie in de Nederlandse woordenschat*. Amsterdam: Meertens Instituut.
- Geeraerts, D. e H. Cuyckens, eds. (2007). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford/New York: Oxford University Press.
- Geeraerts, D., G. Kristiansen e Y. Peirsman, eds. (2010). *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Kristiansen, G. (2003). “How to do things with allophones: Linguistic stereotypes as cognitive reference points in social cognition”. In R. Dirven, R. Frank e M. Pütz (eds.) *Cognitive Models in Language and Thought*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 69-120.
- Kristiansen, G. (2014). “Introduction. Pluricentricity, language-internal variation and Cognitive Linguistics”. In A. Soares da Silva (ed.) *Pluricentricity: Language variation and sociocognitive dimensions*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 1-16.
- Kristiansen, G. e R. Dirven, eds. (2008). *Cognitive Sociolinguistics: Language Variation, Cultural Models, Social Systems*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Labov, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Lakoff, G. e M. Johnson (1980). *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press.
- Langacker, R. W. (2008). *Cognitive Grammar. A basic introduction*. Oxford: Oxford University Press.

- Lavandera, B. (1978). "Where does the sociolinguistic variable stop?", *Language in Society* 7, 171-183.
- Levshina, N. (2011). *Doe wat je niet laten kan: A usage-based analysis of Dutch causative constructions*. PhD dissertation. Leuven: University of Leuven.
- Lüdi, G. (2014). "Communicative and cognitive dimensions of pluricentric practices in French". In A. Soares da Silva (ed.) *Pluricentricity: Language variation and sociocognitive dimensions*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 49-82.
- Muhr, R., ed. (2012). *Non-Dominant Varieties of Pluricentric Languages. Getting the Picture*. Frankfurt/Wien: Peter Lang.
- Muhr, R., C. Amorós Negre, C. Fernández Juncal, K. Zimmermann, E. Prieto e N. Hernández, eds. (2013). *Exploring linguistic standards in non-dominant varieties of pluricentric languages*. Frankfurt: Peter Lang.
- Muhr, R. e D. Marley, eds. (2015). *Pluricentric Languages: New Perspectives in Theory and Description*. Frankfurt/Wien: Peter Lang.
- Ruette, T. (2012). *Aggregating Lexical Variation: Towards large-scale lexical lectometry*. PhD dissertation. Leuven: University of Leuven.
- Ruette, T., D. Speelman e D. Geeraerts (2014). "Lexical variation in aggregate perspective". In A. Soares da Silva (ed.) *Pluricentricity*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 103-126.
- Schmid, H.-J. (2007). "Entrenchment, salience, and basic levels". In D. Geeraerts e H. Cuyckens (eds.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 117-138.
- Schneider, E. W. (2014). "Global diffusion, regional attraction, local roots? Sociocognitive perspectives on the pluricentricity of English". In A. Soares da Silva (ed.) *Pluricentricity: Language variation and sociocognitive dimensions*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 191-226.
- Soares da Silva, A. (2009). "A Sociolinguística Cognitiva: razões e objecto de uma nova área de investigação linguística". *Revista Portuguesa de Humanidades*, 13: 1, 191-212.
- Soares da Silva, A. (2010). "Measuring and parameterizing lexical convergence and divergence between European and Brazilian Portuguese". In D. Geeraerts, G. Kristiansen e Y. Peirsman (eds.) *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 41-83.
- Soares da Silva, A. (2014a). "The pluricentricity of Portuguese: A sociolectometrical approach to divergence between European and Brazilian Portuguese". In A. Soares da Silva (ed.) *Pluricentricity*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 143-188.
- Soares da Silva, A. (2014b). "Measuring and comparing the use and success of loanwords in Portugal and Brazil: A corpus-based and concept-based sociolectometrical approach". In E. Zenner e G. Kristiansen (eds.) *New Perspectives on Lexical Borrowing: Onomasiological, methodological and phraseological innovations*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 101-141.
- Soares da Silva, A. (2015). "Cultural cognitive models of language variation. Romanticism and rationalism in language policy debates about the unity/diversity of European and Brazilian Portuguese". In J. Daems et al. (eds.), *Change of Paradigms – New Paradoxes. Recontextualizing Language and Linguistics*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 253-274.
- Soares da Silva, A. (2016). "The cognitive approach to pluricentric languages and the pluricentricity of Portuguese: What's really new?". In R. Muhr (ed.) *Pluricentric Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide. II: The Pluricentricity of Portuguese and Spanish*. Wien: Peter Lang, 13-34
- Soares da Silva, A., ed. (2014). *Pluricentricity: Language Variation and Sociocognitive Dimensions*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter.
- Speelman, D., S. Grondelaers e D. Geeraerts (2003). "Profile-based linguistic uniformity as a generic method for comparing language varieties". *Computers and the Humanities*, 37, 317-337.
- Szmrecsanyi, B. (2010). "The English genitive alternation in a cognitive sociolinguistics perspective". In D. Geeraerts, G. Kristiansen e Y. Peirsman (eds.) *Advances in Cognitive Sociolinguistics*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 141-166.
- Turney, P. e P. Pantel (2010). "From frequency to meaning: vector space models of semantics", *Journal of Artificial Intelligence Research*, 37, 141-188.